



## “Questão Social, Pandemia e Serviço Social: em defesa da vida e de uma educação emancipadora”

**Eixo temático:** Serviço Social, relações de exploração/opressão e resistências de gênero, feminismos, raça/etnia, sexualidades

### **EU ME LEVANTO**<sup>1</sup>: o trabalho docente frente ao racismo na pandemia COVID-19

FLÁVIA DA SILVA CLEMENTE <sup>2</sup>

**RESUMO:** O estudo integra pesquisas e experiências de diferentes acadêmicas negras e versa sobre a docência feminina negra no ensino superior e seus desafios, na sociedade racializada brasileira. Abordamos a partir de diferentes perspectivas críticas, com foco no feminismo negro, a intelectualidade negra e a construção de uma ciência crítica engajada que visibilize o conhecimento elaborado pelo povo negro.

**Palavras – chaves:** Ciência. Feminismo Negro. Docência.

**ABSTRACT:** The study integrates research and experiences of different black academics and deals with black female teaching in higher education and its challenges in Brazilian racialized society. We approach from different critical perspectives, focusing on black feminism, black intelligentsia and the construction of an engaged critical science that makes visible the knowledge developed by black people.

**Keywords:** Science. Black feminism.

---

1 Em referência ao poema intitulado: Ainda assim eu me levanto da poetisa negra norte-americana Maya Angelou.

2 Professor com formação em Serviço Social. Universidade Federal De Pernambuco

Teaching.

### **INTRODUÇÃO:**

A pandemia COVID-19, explicitou e aprofundou a questão racial no Brasil. Estruturante das relações sociais o racismo se manifesta, por diferentes formas, dentre elas, o racismo institucional. Nos espaços formais de educação, particularmente no ensino superior não é diferente, tornando-se desafiador ocupar e transgredir as formas de exercer a função docente.

Negras, professoras, doutoras, lotada em instituição pública de ensino superior, com experiência em instituições de ensino superior privada, atuamos profissionalmente em espaços avesso ao historicamente imposto as mulheres negras. Habitando o corpo feminino negro, violentado e desumanizado, realizamos o trabalho docente comprometido com o enfrentamento do racismo, sexismo e exploração de classe. Intelectuais e pesquisadoras vinculadas ao movimento de mulheres negras, refletimos sobre a docência de mulheres negras durante a pandemia COVID-19 e seus desafios.

Abordaremos a relação entre a ciência e o racismo, a importância do feminismo negro e a experiência da docência feminina negra, no ensino superior, em tempos de pandemia. Para tanto, nos inspiramos nos acúmulos adquiridos durante a realização da nossa tese de doutorado e nos trabalhos, pesquisas e diálogos mantidos com acadêmicas negras de diferentes universidades.

### **CIÊNCIA E RACISMO**

A ciência ocidental e branca contribuiu para justificar a exploração, mortes e desumanização dos povos indígenas e de negros e negras. Através do movimento da eugenia, definido como “uma ciência voltada para o melhoramento das potencialidades genéticas da espécie humana” (CASHMORE, 2000, p. 203), o “racismo científico” desenvolve argumentos que buscam explicar a inferioridade e hierarquia entre as pessoas. No Brasil, pós- abolição, formado por um povo miscigenado, o desafio de explicar a nação se impõe. Para garantia dos privilégios da elite branca nacional os homens de ciência, de acordo com Schwarcz (1994), encontram uma solução:

A saída foi então preconizar a adoção do ideário científico, porém, sem seu corolário teórico — aceitar a ideia da diferença ontológica entre as raças sem a condenação à hibridação — à medida em que o país, a essas alturas, encontrava-se irremediavelmente miscigenado. (SCHWARCZ, 1994, p. 138).

A originalidade e relevância dessa teoria são desenvolvidas pela elite intelectual nos estabelecimentos de ensino e pesquisa do país, entre os anos de 1870 e 1930<sup>3</sup>. Professores de diferentes áreas do conhecimento, dentre elas das faculdades de Medicina e Direito do período informado, representaram essa teoria, dentre eles: Silvio Romero (1851-1914), Oliveira Viana (1883-1951) e Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906).

Posteriormente ocorre a reversão no pensamento racial brasileiro do qual o autor acima citado se refere ocorrerá influenciado pelo culturalismo antropológico, pela condenação das teorias racistas da Europa e pelo modernismo literário que exaltarão a figura do mulato como

---

3 Maiores informações indicamos a leitura do livro *Espectáculo das Raças* da Lilia Moritz Schwarcz (1994)

o modelo de nacionalidade.

Um expoente intelectual dessa mudança será Gilberto Freyre, pernambucano que no ano 1933, publica o livro *Casa Grande e Senzala* que passa a ser considerada uma obra clássica, em virtude de ter apresentado uma nova forma de interpretar a realidade brasileira. Propõe-se à luz do patriarcalismo analisar a formação da família brasileira.

A desconstrução dos argumentos de uma sociedade em que a harmonia racial prevalece, é realizada por Florestan Fernandes, que eleva os estudos das relações raciais a um novo patamar, o da crítica aos padrões estabelecidos. Crítica que desvela, o mito da democracia racial, expondo os privilégios da raça branca. Privilégios que buscam manter intocados a estrutura racial de poder e dominação branco na nossa sociedade. Maria Aparecido Bento (2002) analisará como sendo o pacto narcísico da branquitude:

Quando pessoas brancas voltam-se para o racismo, tendem a vê-lo como um problema de negros e não como um problema que envolve e implica a todos. Desta forma, brancos podem ver o trabalho antirracista como um ato de compaixão pelo "outro", um projeto esporádico, externo, opcional, pouco ligado às suas próprias vidas e não como um sistema que modela suas experiências diárias e o seu sentido de identidade (BENTO, 2002, p. 164).

Esse pacto incide em todas as instituições, e as resistências se fazem necessárias, a fim de possibilitar que os conhecimentos de diferentes povos possam ser acessados, debatidos e considerados válidos por toda sociedade, inclusive a acadêmica. Para tanto, as lutas desenvolvidas pelos movimentos sociais são importantes,

sobretudo o feminista negro que crítica, desloca e inquieta os pilares da ciência racista e cisheteronormativa.

### **A CRÍTICA FEMNISTA E FEMINISTA NEGRA**

O enfrentamento ao racismo e sexismo requer o desenvolvimento de estratégias sociais, políticas, culturais e econômicas. No Brasil eles se expressam na vida das mulheres negras, sobretudo as pobres, através de diferentes formas, dentre elas: feminicídio, fome e desemprego. São mulheres cujas demandas são invisibilizadas, ou quando consideradas, tratadas de forma insuficiente pelas políticas sociais públicas, deixando-as em condição de profunda vulnerabilidade. Tal realidade se mostra desafiadora, uma vez que em geral sua análise é feita por intelectuais homens, brancos, influenciados pelas teorias que desconsideram suas contribuições, reproduzindo modelos hegemônicos explicativos da realidade, que as “silenciam”. Frente a isso se torna uma exigência aos povos oprimidos, pela sua origem racial e sua condição de gênero e classe, a construção de um trabalho intelectual em que suas histórias, discussões e análises possam emergir.

Nesse âmbito, o feminismo se tornou um campo de conhecimentos que colabora com a desconstrução de referências únicas de mundo. Os estudos feministas possibilitam o descortinar da história da humanidade e nela a produção de conhecimentos pelas mulheres.

Nesse sentido, Cecília Sardenberg (2002) enfatiza a crítica feminista à ciência moderna, em que a denúncia, a

desconstrução e construção de conhecimentos se configuram em importantes tarefas para as epistemologias feministas, em suas diferentes perspectivas. A autora faz suas análises, considerando que a ciência moderna objetificou e silenciou as mulheres, tornando imprescindível que o conhecimento não seja apenas *sobre* as mulheres, mas também de *relevância* para as mulheres. Para, além disso, Harding (1993, p. 7) revela que “o esforço inicial da teoria feminista foi o de estender e reinterpretar as categorias de diversos discursos teóricos de modo a tornar as atividades e relações sociais das mulheres analiticamente visíveis no âmbito das diferentes tradições intelectuais”.

Por esse prisma, a instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista se faz necessária, sendo o diálogo e, não o consenso, o central nessas perspectivas. A autora destaca que existem pluralidades no feminismo, e isso não é diferente nas abordagens epistemológicas feministas. São tecidas considerações críticas sobre as análises, que partem do pressuposto da existência da mulher universal: “tudo aquilo que tínhamos considerado útil, a partir da experiência social de mulheres brancas, ocidentais, burguesas e heterossexuais, acaba por nos pareceres particularmente suspeitos, assim que começamos a analisar a experiência de qualquer outro tipo de mulher” (HARDING, 1993, p. 8-9).

Nesse âmbito o feminismo negro se impõe, questionado e criticando os conhecimentos que secundariza lutas e necessidades das mulheres negras. Destaca-se que “o

pensamento feminista negro consiste em ideias produzidas por mulheres negras que elucidam um ponto de vista de e para mulheres negras”. (COLLINS, 2016, p. 101). Não é uma análise essencialista, mas sim, evidenciadora e explicitadora das lutas experienciadas por parte significativa da população feminina negra mundial e brasileira. É o esforço de desconstrução da desumanização e objetificação do corpo negro, como informa hooks (1995):

Desde a escravidão até hoje o corpo da negra tem sido visto pelos ocidentais como o símbolo quintessencial de uma presença feminina natural orgânica mais próxima da natureza animalística e primitiva (hooks, 1995, p. 468).

Esse movimento é importante e recebe contribuições de diferentes mulheres negras, dentre as quais destacamos Lelia Gonzalez. Mulher negra, pesquisadora, militante da causa negra e autora de publicações como por um feminismo afro-latino americano, analisa a relevância de estudos desenvolvidos por negros e negras:

A produção científica dos negros desses países do nosso continente tem se caracterizado pelo avanço, autonomia, inovação, diversificação e credibilidade nacional e internacional; o que nos remete a um espírito de profunda determinação, dados os obstáculos impostos pelo racismo dominante. Mas, como já disse antes, é justamente a consciência objetiva desse racismo sem disfarces e o conhecimento direto de suas práticas cruéis que despertam esse empenho, no sentido de resgate e afirmação da humanidade e competência de todo um grupo étnico considerado “inferior”. A dureza dos sistemas fez com que a comunidade negra se unisse e lutasse, em diferentes níveis, contra todas as formas de opressão racista. (GONZALEZ, 2020, p.120).

Lelia Gonzalez indicava a importância da intersecção entre as opressões de raça, gênero e classe experienciadas por mulheres negras, antes mesmo da sua definição. Ferramenta analítica, a interseccionalidade é definida como:

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade,

bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (COLLINS e BILGE, 2020, p. 16).

Filiadas ao pensamento feminista negro, efetuamos nossa reflexão e apontamentos sobre a experiência docente e sua relação e relevância para o Serviço Social, em tempos de pandemia.

### **A DOCÊNCIA NEGRA EM TEMPOS DE PANDEMIA COVID-19.**

O exercício da docência de militantes feministas negras é um compromisso com a luta antirracista. É o enfrentamento do poder e dominação branca, presente na ciência que atravessa a intelectualidade negra na academia, conforme descreve a autora abaixo:

Como acadêmica por exemplo, é comum dizerem que meu trabalho acerca do racismo cotidiano é muito interessante, porém não muito científico. Tal observação ilustra a ordem colonial na qual intelectuais negras/os residem: 'Você tem uma perspectiva demasiado subjetiva', 'muito pessoal'; 'muito emocional'; 'muito específica'; 'Esses são fatos objetivos?' Tais comentários funcionam como uma máscara que silencia nossas vozes assim que falamos. Eles permitem que o sujeito branco posicione nossos discursos de volta nas margens, como conhecimento desviante, enquanto seus discursos se conservam no centro como a norma. Quando elas/es falam é científico, quando nós falamos é acientífico". (KILOMBA, 2019, 51-52).

A autora consegue expressar exatamente o desafio diário enfrentado pelas/os intelectuais negras/os na academia, o que demonstra a atualidade do racismo, tornando esse espaço de formação e elaboração de conhecimentos importante campo de disputas. São intelectuais que atravessam obstáculos raciais, sociais, econômicos, gênero e sexualidade para ocupá-la.

As intelectuais negras trabalhando em faculdades e universidades enfrentam um mundo que os de fora poderiam imaginar que acolheria nossa presença, mas que na maioria das vezes encara nossa intelectualidade como suspeita.



O pessoal pode se sentir à vontade com a presença de acadêmicas negras e talvez até as deseje mas é menos receptivo a negras que se apresentam como intelectuais engajadas que precisam de apoio tempo e espaço institucionais para buscar essa dimensão de sua realidade (hooks, 1995, p. 468).

Intelectualidade suspeita, que dificulta a aprovação das pautas e discussões raciais, pelos motivos já expostos.

Suspeita que demonstra a importância do enfrentamento do racismo na academia presente em nossa experiência

Desnaturalizar o estranhamento sentido por aqueles que seguem incrédulos diante de nossa presença em espaços que absolutamente não foram pensados para nós e entender que existe uma conexão indissociável entre o questionamento de um estudante branco e homem que nos pergunta nos primeiros dias de aula: 'Você tem de fato a titulação?'; e o racismo estrutural que consegue esconder sua insatisfação em nos perceber em lugares diferentes do que nos impulsionam a estar. Questionamentos como esse, inevitavelmente, nos levam a afirmar que tem sido estabelecidos estereótipos de quem pode ser docente na sociedade brasileira, associado a pessoa branca, haja vista que corpos negros acionam sentimentos de desconfianças e de ausência de intelecto. (CLEMENTE, SILVA, LIMA, 2020, p. 204-205).

A superação diária das dificuldades raciais precisa contar com o apoio de outras/os docentes, discentes e técnicos administrativos comprometidos com a luta antirracista. Foi a partir desses apoios, que nos foi possível atuar na gestão acadêmica, desenvolver pesquisas, ações de extensão e lecionar disciplinas transversalizando o debate racial.

Com experiência de atuação acadêmica feminina negra no período anterior e posterior a Pandemia COVID-19, temos as condições de analisar os desafios vivenciados para a continuidade do enfrentamento ao racismo.

Importante destacar que a implementação da política de cotas raciais, após décadas de luta do movimento negro, possibilitou o acesso de negros/as nas universidades

públicas e colaborou para uma maior diversidade racial no ensino público superior. Esse acesso tem exigido um constante revisitar das teorias explicativas da realidade social, com a finalidade de incluir as análises desses sujeitos sobre a história dos seus povos. Nesse bojo, as teorias pós-coloniais, descolonial, decolonial e contra-coloniais se fazem presentes. Por outro lado, em contrapartida, das forças reacionárias e racistas, tem sido implementado progressivo desfinanciamento e sucateamento do ensino superior público no Brasil.

A pandemia COVID-19, expressa esse projeto reacionário. Surgida na China, em dezembro de 2019, e intensificada no Brasil em março de 2020, a pandemia (ainda em vigência), explicitou o racismo brasileiro.

A associação brasileira de saúde coletiva (ABRASCO), através da publicação do e-book população negra e COVID-19, revela os motivos da COVID-19 ser mais mortal para a população negra, apresenta o aumento das iniquidades étnico-raciais na saúde e aumento da violência contra a população negra, informa sobre a invisibilidade do racismo nos dados da COVID-19 e o aprofundamento das desigualdades raciais no país. Condições propiciadas por uma gestão federal alinhada com os interesses do capital que negligenciou a saúde do povo negro e pobre:

O governo federal do Brasil não exigiu a coleta de dados raciais para COVID-19, até a segunda semana de abril, e somente o fez após pressão de movimentos negros, entidades de classe e associação científicas [...] em abril o Ministério da Saúde já havia apontado altas taxas de mortalidade por COVID-19 entre os negros. [...] Dados coletados no mês de maio entre pesquisadores independentes para mais de 5.500 municípios mostram que 55% de pacientes negros, hospitalizados com COVID-19, em estado grave, morreram em comparação com 34% de pacientes brancos. (ABRASCO,

2021, p. 9).

As orientações das/os especialistas pela implementação de medidas de biossegurança e adoção de políticas sociais de assistência aos vulneráveis foram adotadas parcialmente e tardiamente. Resultado, milhares de mortes.

Em relação as universidades públicas, com destaque para Universidade Federal de Pernambuco, local de atuação da autora em março de 2020, foi seguida a orientação de suspensão das aulas presenciais, mas não das demais atividades acadêmicas. Com o retorno gradual tendo ocorrido em formato online, exigindo a apreensão, em tempo recorde de conhecimentos sobre ferramentas tecnológicas de aprendizado. Ocorreu um adensamento da sobrecarga de trabalho docente e desafios políticos para a gestão nesse formato.

Questões nunca antes experienciadas precisaram ser vivenciadas, num contexto marcado por negacionismo, ameaças ao funcionalismo público crítico, fome adoecimento e mortes.

Entre os anos de 2020, 2021 e primeiro semestre de 2022, permanecemos atuantes. Participamos da gestão do departamento de serviço social, (nossa primeira experiência de gestão na chefia, instituída em 2019 e construída a partir de uma plataforma inspirada na cantora norte-americana Nina Simone – Liberdade é não ter medo. Foi desafiador ao extremo, pois foi preciso

demonstrar competência, habilidade e criticidade para compreensão e atendimento das demandas da universidade, que se avolumaram.

No que concerne a extensão, mantivemos nossa atuação voltada ao trabalho de ampliação dos estudos e discussões sobre a questão racial, através da realização do IIº Módulo do Curso de extensão Diálogos Plurais sobre Feminismos, Gênero, Raça, Sexualidade e Classe Social, em 2020, no formato online, em que aprofundamos o debate sobre feminismos, gênero, classe, sexualidade e raça na perspectiva de autores/as críticos afrocentrados. Nesse estudo, conseguimos conhecer o trabalho de feministas negras africanas que atuam em diversas áreas e relacionar as experiências e a produção dessas feministas com a luta das feministas negras brasileiras.

Destacamos que no 1º módulo do curso, ocorrido em 2019, aprofundamos o debate sobre feminismos, gênero, classe, sexualidade e raça numa perspectiva da interseccionalidade. Ambas experiências, fortaleceram nossos posicionamentos críticos.

Ainda no que concerne a extensão, em 2021 coordenamos a ação intitulada: comemoração dos 15 anos do Grupo de estudos e pesquisas sobre poder, cultura e práticas coletivas (GEPCOL): rodas de diálogos sobre metodologias qualitativas em pesquisa social. Nessa ação, realizada no formato online, apresentamos, de forma interdisciplinar os estudos e metodologias insurgentes desenvolvidos pelas pesquisadoras do grupo,

todas feministas.

No que concerne as disciplinas, destacamos a transversalidade do debate racial, classe e gênero que efetuamos seja qual for a disciplina que estejamos lecionando. Chamando a atenção das/dos para as análises que considerem todos os fenômenos citados. As resultantes são estudos desenvolvidos pelas/os discentes com as seguintes temáticas: 1. Insegurança alimentar: um recorte de raça, gênero e classe; A Insegurança alimentar da população negra no contexto da pandemia; 2. A contribuição do Serviço Social na luta pelo direito à moradia e no enfrentamento dos despejos durante a pandemia; 3. Estratégias de enfrentamento às desigualdades sociais agravadas pelo ensino remoto durante a pandemia da COVID-19. 4. Criança e adolescente em situação de rua diante do contexto pandêmico. 5. A pandemia da COVID-19 e a análise da violência doméstica contra crianças e adolescentes no Brasil. 6. Violência Contra a Juventude Negra Pernambucana. 7. Violência contra a mulher preta. 8. Violência obstétrica: sob o olhar de raça e o papel do serviço social.

Orientações de monografias com temática racial e de gênero, como por exemplo: Cumé que agente fica? Um estudo sobre raça, gênero e sexualidade de maneira interdisciplinar na pesquisa e ensino em Serviço Social de autoria do Alef Pedro Rodrigues Martins; O estabelecimento de mesas de verificação de cotas raciais na universidade federal de Pernambuco em 2018, no contexto do mito da democracia racial e contrarreforma do

Estado e Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) e o combate ao racismo: discussões, reflexões e enfrentamentos, monografia de autoria de Beatriz Garcia Rocha e Emanuelle Anjos Silva.

Participação em diversas bancas de defesas de mestrado, doutorado e residência, como por exemplo: 1. O que se cala: os direitos humanos a partir do pensamento de Lelia Gonzalez, tese de autoria da Ana Camila de Oliveira e Saúde Mental e o Reconhecimento dos saberes tradicionais de matriz africana na Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) Recife, trabalho de conclusão de residência de autoria da Carolina Alves Barbosa.

No que concerne a pesquisa, nos 02 primeiros anos da pandemia, em virtude do desempenho da gestão acadêmica e demais atribuições da função docente não conseguimos desenvolver pesquisas, mas em 2021 passamos a integrar o grupo de pesquisadoras de 02 pesquisas: 1. Mulheres negras periféricas e os desafios a sobrevivência, coordenado pela professora Mônica Rodrigues Costa e 2. O enfrentamento a exploração sexual comercial de crianças e adolescentes, coordenado pela professora Valeria Nepomuceno Teles de Mendonça.

Nosso histórico na academia, enquanto docentes tem sido pautado pelas nossas existências negra, feminina e de origem pobre. Eventos, cursos, seminários, apresentações de trabalhos, entrevistas, discussões em sala de aula, monitorias, supervisões e diálogos institucional e fora dele traduzem, essa busca pela criticidade das análises.

Mas, sobretudo, no período da pandemia o fazer científico foi alimentado pelas trocas com demais colegas negras de outras universidades públicas e privadas e também da militância negra. Com elas, recebemos a acolhida fortalecedora ao enfrentamento da intensificação do racismo em todos os âmbitos da sociedade brasileira, materializadas nas perdas de vidas de nossos entes queridos e amigas/os.

Nossas escritas em período pandêmico foram orientadas pela indignação das mortes precoces de milhões de brasileiros, a exemplo do menino Miguel, filho da Mirtes que tem no seu cerne motivacional o racismo e a exploração do trabalho da mulher negra em tempos de distanciamento social. Nos indignamos com a fome que assola e atinge mulheres negras e pobres em sua maioria no país, agravada pela pandemia, mas que tem no seu cerne a escolha de parte dos dirigentes da nação por um projeto de sociedade de naturalização da desigualdade.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os atravessamentos raciais que experienciamos como mulheres negras, em espaço decisório e de poder é extenuante. Diariamente, nos deparamos com o racismo e na academia não é diferente.

Muitas vezes o trabalho intelectual leva ao confronto com duras realidades. Pode nos lembrar que a dominação e a opressão continuam a moldar as vidas de todos sobretudo das pessoas negras e mestiças. Esse trabalho não apenas nos arrasta mais para perto do sofrimento como nos faz sofrer. Andar em meio a esse sofrimento para trabalhar com ideias que possam servir de catalisador para a transformação de nossa consciência e nossas vidas e de outras e um processo prazeroso e extático (hooks, 1995, p. 477-478).

Apesar do racismo, sexismo e explorações nossa sororidade é uma realidade que nos mantém vivas, ativas

e comprometidas em efetuar uma ciência engajada, responsável e que colabore com os movimentos sociais. Temos a convicção que não conseguiremos alcançar nenhuma nova sociabilidade, sem opressões, caso a base colonialista presente em nossa sociedade não seja dirimida.

## **BIBLIOGRAFIA**

Associação Brasileira de Saúde Coletiva A849p População Negra e Covid-19 / Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO); Organização Grupo Temático Racismo e Saúde da ABRASCO. – Rio de Janeiro, RJ: ABRASCO, 2021.

BENTO, Maria Aparecida da Silva. **Pactos narcísicos no racismo:** Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. (Tese de doutorado), São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade, 2002. Disponível em:<[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-18062019-181514/publico/bento\\_do\\_2002.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-18062019-181514/publico/bento_do_2002.pdf)>. Acesso em: 28 de ago. de 2022.

CASHMORE, Ellis. Dicionário de Relações Étnicas e Raciais. São Paulo: Summus, 2000.

COLLINS, P. H. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**. v. 31, n. 1, pp. 99-127, 2016.

Collins, Patricia Hill Interseccionalidade [recurso eletrônico] / Patricia Hill Collins, Sirma Bilge; tradução Rane Souza. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2020.

CLEMENTE, Flávia Silva. SILVA. Henrique da Costa. LIMA, Tatiane Michele Melo. Diálogos interseccionais sobre o debate racial e de gênero no ensino superior. In: Formação continuada de professores da educação superior na UFPE [recurso eletrônico]: reflexões



vivenciadas em curso de aperfeiçoamento didático-pedagógico / organizadoras: Ana Karina Morais de Lira, Sandra Patrícia Ataíde Ferreira; com prefácio de Alfredo Gomes. – Recife: Ed. UFPE, 2021. (Coleção NUFOPE)

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino americano: ensaios, intervenções e diálogos /organização Flavia Rios, Márcia Lima. — 1a ed. — Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HARDING, S. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. **Estudos Feministas**. v. 1, n. 1, pp.7-3, 1993.

HOOKS, B. Intelectuais Negras. **Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, pp. 464-478, 1995.

KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira – 1ª .ed. – Rio de Janeiro: Cobogó. 2019.

SARDENBERG, C. M. B. Da crítica feminista à Ciência a uma Ciência Feminista? In: COSTA, A. A. SARDENBERG, C. M. B. (Orgs.) **Feminismo, Ciência e Tecnologia**. Salvador: REDOR/NEIM, 2002. pp. 77-88.

SCHWARCZ, L. M. Espetáculo da Miscigenação. **Revista de Estudos Avançados**. v. 8, n. 20, pp. 137-152. 1994.